

Indo onde o índio está

Milton recria canções indígenas para branco ouvir

Mauro Nascimento

José Rezende Jr.

BRASÍLIA — Pareceria nova na praça, vinda de dentro da mata: Milton Nascimento & 200 índios brasileiros. No próximo dia 12, em São Paulo, Milton anuncia oficialmente as bases de um projeto que vem acalentando há um ano com a União das Nações Indígenas (UNI). Nesse meio tempo, ouviu muitas histórias indígenas — de lendas sobre a criação do mundo a visões do apocalipse com a invasão do branco — e, sobretudo, encantou-se com as músicas dos diversos povos indígenas, gravadas em fita. Agora, é hora de recriar tudo isso, em shows e discos, para o branco ouvir.

“As histórias que eles contam são tão lindas, que já são canções, lindas canções. É uma pena que o Brasil não as conheça, mas vou dar um jeito para que cheguem ao ouvido do povo em geral”, entusiasma-se Milton, que ontem apareceu em público junto com o pagé David Capenawa Yanomami, ganhador do prêmio Global 500 da ONU, o cacique yawalapiti Aritana, que já foi até nome de novela, e Marcos Terena, uma das principais lideranças da UNI.

“A música do Milton” — explica Terena — “fala da alma do povo brasileiro. Por isso, ele foi o escolhido”, anuncia Marcos Terena, que tem municiado o amigo Milton Nascimento com gravações musicais dos diversos povos indígenas brasileiros. “Somos 180 sociedades indígenas no Brasil, cada qual com sua música, cada qual com sua história, inclusive de como se relacionou com o branco pela primeira vez. Agora, como o Milton vai recriar tudo isso, para fazer com que 140 milhões de brasileiros conheçam a luta dos índios pela vida, vai depender da inspiração poética dele.”

Que ninguém confunda o parceiro dos índios Milton Nascimento com o roqueiro Sting, que no momento acompanha o cacique Raoni em uma turnê pelo mundo. Diplomáticamente, Milton elogia o colega inglês. “Todas as causas carecem de vozes juntas. Quanto mais vozes, melhor, de preferência, um coral”, afirma. Mas o certo é que, para os índios em geral, Sting empresta seu nome apenas à luta dos kalapó por causa do amigo Raoni.



Milton: de olho nos índios mas fugindo de comparações com Sting

“A questão indígena não é passageira, como uma nuvem. Ela é permanente, tem mais de 400 anos, é muito mais que uma onda, um modismo. E o índio brasileiro não é só Amazônia. Conversamos com o Sting duas vezes, e tentamos mostrar isso a ele. Agora, estamos mostrando para o Milton”, explica Terena.

Agora, crente de que todo artista tem que ir aonde o povo está, Milton já se prepara para visitar as aldeias yawalapiti, no Xingu, e yanomami, em Roraima, a convite dos parceiros Aritana e Davi Copenawa.

O yanomami Davi nunca tinha ouvido falar de Milton e não conhece a música

dos brancos. Sabe apenas “música de índio, que vem dos pássaros, dos rios, da natureza, “mas se recusa a entoar alguns trechos por medo das câmaras da televisão que, como se sabe, assim como as máquinas fotográficas, “chupam a alma, tiram a sorte da pessoa, que fica doente, fraca, esquecida”.

Davi acha importante “branco conhecer música do índio e começar respeitar, porque ele acha que não existe música de índio. A mesma opinião pelas câmaras de TV e por ter um radinho de pilha na sua aldeia, no Mato Grosso, é capaz de entoar os versos de *Coração de Estudante*.”